

A MÚSICA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA

MUSIC AS A TOOL FOR TEACHING AND LEARNING ENGLISH LANGUAGE

Andrei Zandoná Bollis¹

Universidade Comunitária da Região de Chapecó

Leonel Piovezana²

Universidade Comunitária da Região de Chapecó

Kamila Fiore Zanoello³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó

Rosane Natalina Meneghetti⁴

Universidade Comunitária da Região de Chapecó

Resumo: Este artigo aborda a importância do gênero música para o ensino e aprendizagem da Língua Inglesa. Como professores atuantes em sala de aula, o seguinte problema foi desenvolvido: Quais as contribuições do gênero música para o ensino e aprendizado da Língua Inglesa? Busca, como objetivo geral, analisar a importância do gênero música como recurso facilitador no ensino e na aprendizagem da Língua Inglesa. Como objetivos específicos, procura compreender como a Língua Inglesa insere-se no ambiente escolar, discutir sobre o que apresentam os estudos teóricos acerca do gênero música, como ferramenta para o ensino e aprendizagem, e observar como o gênero música pode ser explorado em aulas de Língua Inglesa. Caracteriza-se como pesquisa de revisão bibliográfica, a partir da leitura e seleção de artigos considerados relevantes para este estudo. Como resultados, o professor pode relacionar a música com a cultura e conteúdos gramaticais. Em relação aos estudantes, a música pode fazer com que se sintam motivados, desenvolvam a compreensão oral e a fala, o aprendizado de novas palavras, aumentem a criticidade e melhorem a pronúncia.

Palavras-chave: Aprendizado; Ensino; Língua inglesa; Gênero música.

¹Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), Seara – Santa Catarina (SC) – Brasil. Graduado em Letras Português e Inglês. Especialista no Ensino da Língua Inglesa pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Professor de Língua Inglesa. Mestrando em Educação do PPGE da Unochapecó. Membro do grupo de pesquisa SULEAR – Unochapecó.

²Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), Chapecó – Santa Catarina (SC) – Brasil. Doutor em Desenvolvimento Regional UNISC (2010). Professor do PPGE da Unochapecó. Membro do grupo de pesquisa SULEAR – Unochapecó.

³Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), Orlando – Florida (FL) – Estados Unidos. Graduada em Letras Português e Inglês. Especialista em Língua Inglesa.

⁴Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), Chapecó – Santa Catarina (SC) – Brasil. Mestre em literatura pela Universidade Federal De Santa Catarina – UFSC e doutoranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal da Fronteira Sul. Professora na Unochapecó.

Abstract: This article addresses the importance of the music genre for teaching and learning the English language. As teachers working in the classroom, the following problem was developed: What are the contributions of the music genre to the teaching and learning of the English language? Its general objective is to analyze the importance of the music genre as a facilitating resource in teaching and learning the English language. As specific objectives, it seeks to understand how the English language is inserted in the school environment, to discuss what theoretical studies present about the music genre, as a tool for teaching and learning, and to observe how the music genre can be explored in English language classes. It is characterized as bibliographic review research, based on the reading and selection of articles considered relevant to this study. As a result, the teacher can relate music to culture and grammar content. For students, music can make them feel motivated, develop oral comprehension and speaking, learn new words, increase criticality and improve pronunciation.

Keywords: Learning; Teaching; English language; Music genre.

Submetido em 11 de julho de 2024.

Aprovado em 17 de fevereiro de 2025.

Introdução

A língua inglesa e sua importância têm sido amplamente discutidas em cenários locais e no mundo globalizado. Figueredo (2011, p. 87) comenta sobre o global e o local: “O global, como língua que atende às necessidades comunicativas entre diferentes países; e o local, como língua que viabiliza a socialização dos membros de uma comunidade, auxiliando-os, também na expressão de suas identidades”.

A língua inglesa pode ser fundamental, seja na contratação para um emprego, para viajar pelo mundo, comunicar-se para realizar negócios com outros países, ter acesso aos saberes da ciência e tecnologia, ou até mesmo para ler uma instrução de montagem de uma máquina. Desse modo, Paiva (2003, p. 10) reflete que a língua inglesa é “necessária como instrumento de compreensão do mundo, de inclusão social e de valorização social”.

Em relação ao ensino e à aprendizagem de uma língua estrangeira, conforme argumenta Souza (2022), percebe-se a transformação ao longo dos anos, com a adaptação às necessidades do mundo e mudanças sociais. Há maior preocupação com a contextualização dos conteúdos linguísticos e o foco tem recaído sobre questões de comunicação. Além disso, busca preparar os estudantes para o uso real da língua, entendido como à capacidade de se comunicar de forma autêntica e eficaz em situações do dia a dia, fora da sala de aula, como em interações sociais, viagens, ambiente de trabalho, negociações comerciais e com as diferentes formas de tecnologia.

Quanto à música, Bakhtin (2000) comenta que a criação dela é um acontecimento significativo na vida das pessoas. Nas escolas, pode ser utilizada como uma forma de tentar

aproximar a realidade com a sala de aula, visto que a maioria das pessoas ouve música, uma vez que ela está por toda a parte, presente na vida dos sujeitos desde o nascimento. É algo que traz uma sensação de relaxamento, pode gerar motivação e é fácil de memorizar. Isso relaciona-se com Gobbi (2001), que comenta que:

Se a música assume papel de destaque em vários momentos da vida dos seres humanos, é importante que ela esteja presente na sua educação. Se observarmos nosso dia a dia, constataremos que a música acompanha as pessoas em quase todos os momentos de suas vidas, sejam eles momentos significativos de alegria ou de tristeza (Gobbi, 2001, p. 9).

A proposta deste artigo surgiu devido à utilização de músicas em aulas de Língua Inglesa e inquietações por parte dos pesquisadores, que também são professores em Seara, Santa Catarina. Diante disso, apresenta-se como tema: A música como ferramenta para o ensino e aprendizagem da Língua Inglesa. Como problema, foram registradas as seguintes indagações: Quais as contribuições do gênero música para o ensino e aprendizado da Língua Inglesa? Busca, como objetivo geral, analisar a importância do gênero música como recurso facilitador no ensino e na aprendizagem da Língua Inglesa. Como objetivos específicos, a pesquisa procura compreender como a Língua Inglesa insere-se no ambiente escolar, discutir sobre o que apresentam os estudos teóricos acerca do gênero música, como ferramenta para o ensino e aprendizagem, e observar como o gênero música pode ser explorado em aulas de Língua Inglesa.

O desenvolvimento deste estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, que, de acordo com Gil (2002, p. 3):

[...] a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

Para isso, buscaram-se artigos, dissertações e documentos científicos que abordavam a temática da música como ferramenta para o ensino e aprendizado da Língua Inglesa em sala de aula. Em seguida, ocorreu a leitura do material na íntegra, com a análise dos autores renomados e documentos relevantes e busca, também, de autores recentes para que houvesse inovação com as contribuições. Então, optou-se pelos seguintes autores e documentos para compor o aporte teórico da pesquisa: Bakhtin (2000); Brasil – Base Nacional Comum Curricular (2017); Brasil – Parâmetros

Curriculares Nacionais: Temas Transversais (2001); Brasil – Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua estrangeira (1998)⁵; Brito (2003); Bechtold, Becker, Lusa e Bonin (2022); Bürman *et al.* (2002); Carter e Nunan (2011); Fernandes, Felicetti e Szezecinski (2019), Ferraz (2013); Ferreira (2002); Fiamoncini (2018); Figueredo (2011); Gil (2002); Gobbi (2001); Holden e Rogers (2002); Lima (2004); Malvezzi (2013); Marcuschi (2002); Minayo (2009); Moreira, Santos e Coelho (2014); Murphey (1992); Paiva (2003); Pedreiro (2013); Penna (2003); Prestes (1994); Proença e Fuini (2020); Santos (2020); Souza (2022); Schoepp (2001); Vicentini e Basso (2008), Xavier (2018).

A seleção dos autores e desenvolvimento do artigo ocorreram por meio da Teoria Crítica que, de acordo com Prestes (1994, p. 89):

A Teoria Crítica é um saber melhor, na medida em que representa o esforço de mudar a estrutura básica, no sentido de qualidade. Não significa, entretanto, que se alimenta de fontes superiores, com informações qualitativamente diferenciadas em si, mas a diferença se estabelece na relação dos sujeitos com a objetividade, para favorecer o estabelecimento de um conhecimento que atenda as exigências materiais da sociedade vigente.

A abordagem utilizada é a qualitativa que, conforme Minayo (2009, p. 21):

[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Para abordar a temática, a problemática e os objetivos mencionados anteriormente, estruturou-se o artigo em três seções. O primeiro, “A língua inglesa no ambiente escolar”, realiza breve histórico do ensino de uma língua estrangeira e da língua inglesa no Brasil e comenta sobre a evolução dos materiais didáticos e o processo de introdução do inglês nas escolas. O segundo, “O gênero textual música e a relação com o ensino e aprendizagem na Língua Inglesa”, que reflete sobre as canções como fonte de

⁵A escolha pelos PCNs está relacionada a um interesse histórico ou teórico, que visa compreender a transição de um modelo de currículo para outro, ou como determinados conceitos que estavam presentes nos PCNs foram incorporados ou modificados pela BNCC (2017). Os PCNs como parte do aporte teórico são uma escolha estratégica para destacar a evolução do currículo ao longo do tempo e como determinados conceitos e abordagens pedagógicas se mantiveram ou se transformaram com a introdução da BNCC. Essa escolha também instiga reflexão sobre os desafios da implementação da BNCC, que ainda pode estar em processo de adaptação em muitas escolas e ressaltar as contribuições de Bakhtin em relação à abordagem do ensino de línguas.

motivação e material autêntico em sala de aula. E o terceiro, “A música como ferramenta pedagógica em aulas de inglês”, que instiga as formas e estratégias de relacionar a música com os conteúdos e atividades, seja gramatical, semântico, sintático, pronúncia, vocabulário, habilidades de *listening* e *speaking*, cultura, entre outros.

1. A língua inglesa no ambiente escolar

A língua inglesa passou a fazer parte da grade curricular escolar e, com ela, a expectativa de introduzir aos estudantes uma disciplina que poderá ser um diferencial no mundo globalizado. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua estrangeira, doravante PCNLE (Brasil, 1998, p. 65), “[...] o inglês, dá acesso à ciência e à tecnologia modernas, à comunicação intercultural, ao mundo dos negócios e a outros modos de se conceber a vida humana”. Nessa perspectiva, evidencia-se a necessidade de ensino dessa língua estrangeira.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017) também reconhece esses aspectos e enfatiza a autonomia do estudante para usar a língua de forma interativa, crítica e reflexiva. Além disso, a BNCC apresenta uma ênfase na formação cidadã, considerando o inglês como uma competência comunicativa essencial para a globalização, sem deixar de considerar a diversidade cultural e social, com ênfase na comunicação e na interação intercultural.

Segundo Pedreiro (2013), em relação ao ensino de línguas, é possível reconhecer que isso não é algo recente. Esse processo teve início nos primórdios da civilização humana, pois a comunicação entre os povos era necessária para comercializar produtos. Também, por meio da conquista de novos territórios, muitas pessoas tiveram que se adaptar com a imposição da língua dos conquistadores. No Brasil, a mesma situação ocorreu, conforme registra Souza (2022, p. 292):

O ensino de línguas estrangeiras está presente no Brasil desde o século XVI com o ensino da Língua Portuguesa para os nativos indígenas. Naquele momento, a cultura do colonizador foi instituída e estabelecida como a correta, assim como a sua língua.

Já o ensino da Língua Inglesa, conforme cita Malvezzi (2013), teve início com a chegada da família real em 1808, onde passou-se a ter uma preocupação com o ensino de línguas modernas como inglês, francês, alemão e italiano. Santos (2011) cita que a língua inglesa foi incorporada como disciplina obrigatória no currículo da educação brasileira em 1809, por Dom João VI, por meio de uma visão estratégica para relacionar-se com a

Inglaterra devido a interesses comerciais. Malvezzi (2013) também argumenta que, em 1915, o grego deixou de ser disciplina obrigatória e, após a revolução de 1930, o ensino do inglês e do francês passaram a ser obrigatório. Em seguida a isso, aconteceram no Brasil diversos processos de transformação no sistema de ensino.

Em relação aos materiais didáticos de Língua Inglesa, Souza (2022, p. 293-294) comenta como eram as abordagens utilizadas em 1960 e 1970 e como estão as abordagens mais contemporâneas:

Os materiais didáticos produzidos nas décadas de 1960 e 1970 baseavam-se nas abordagens tradicional e estruturalista, com foco nas regras gramaticais, memorização de vocabulário e estruturas, imitação de modelos e tradução. Nessa perspectiva está imbricada uma visão linear e descontextualizada de como ensinar e aprender estruturas linguísticas. No entanto, abordagens mais contemporâneas, como a comunicativa, consideram que o ensino de gramática não pode se restringir à memorização de regras. Isso porque, embora a gramática seja a forma da língua, é por meio dela que produzimos significados, que nos comunicamos. Por isso, é preciso levar em consideração sua dimensão semântica, ou seja, o sentido e o contexto de uso.

Atualmente, as escolas estão em processo diário de introdução e aceitação do inglês por parte dos estudantes, porque muitos ainda não reconhecem ou não se deram conta de como a língua inglesa pode ter grande importância ao ser aprendida. Vicentini e Basso (2008) afirmam que as aulas de Língua Estrangeira são vistas com desinteresse pelos estudantes, o que faz com que os professores precisem reavaliar a prática pedagógica. “Constantemente encontramos alunos desmotivados e desinteressados em aprender o idioma, apesar de saberem da importância desse aprendizado” (Vicenti; Basso, 2008, p. 2). Bechtold, Becker, Lusa e Bonin citam que despertar o interesse dos estudantes pode ser o maior desafio dos professores:

Despertar o interesse pelo aprendizado é, certamente, o maior desafio que os professores contemporâneos enfrentam em sala de aula. Como já é sabido, há uma herança na cultura escolar brasileira que coloca na balança alguns saberes com relação a outros, sobrepesando uns em detrimento de outros, ou seja, sabemos que alguns componentes curriculares são mais valorizados e outros mais desprezados. Em linhas gerais, quando se trata de falar sobre o ensino de um idioma, principalmente o inglês, é comum que os alunos não se interessem tanto, seja pelo distanciamento entre o idioma e a realidade deles, seja pelo valor que é dado a esse saber (Bechtold; Becker; Lusa; Bonin, 2022, p. 189).

Devido a isso, os docentes encaram os desafios de mostrar aos estudantes que aprender inglês é importante e que, se os recursos corretos forem utilizados, é possível mudar a opinião dos aprendizes sobre a língua inglesa. Uma forma seria relacionar o

inglês com a tecnologia, para aproximar da realidade dos estudantes, visto que Holden e Rogers (2002) citam que os educandos veem o inglês como a língua dos computadores, dos negócios e da comunicação internacional. Assim, o professor pode utilizar as tecnologias para auxiliar no aprendizado de forma prazerosa, com a participação dos estudantes e, conseqüentemente, garantir a comunicação em língua inglesa.

Santos (2020) também menciona sobre o uso da tecnologia na educação e diz que o papel do professor tem evoluído ao longo dos anos. É preciso buscar formas de fazer com que os estudantes sejam compreendidos em língua inglesa, a qual passou a ser considerada o meio de comunicação internacional, com destaque para a compreensão e produção oral. Para isso, é preciso selecionar técnicas e metodologias adequadas para que haja a construção do conhecimento e faça sentido aos aprendizes, isto é, que estes possam relacionar os saberes adquiridos com a vida diária. A respeito desse cuidado didático, posiciona-se Santos (2020, p. 15):

A seleção das estratégias a implementar deve partir do conhecimento profundo do grupo de alunos com quem o professor irá trabalhar, no que se refere as dificuldades de aprendizagem e aos seus interesses, para que resulte uma boa escolha na abordagem dos temas. Enquanto mediador na transmissão de conhecimentos, o professor tem uma ação direta junto dos seus alunos e é responsável pela aquisição das aprendizagens.

Em sala de aula, o professor pode buscar a abordagem comunicativa como uma forma de desenvolver as quatro habilidades da língua inglesa nos estudantes. De acordo com Fiamoncini (2018), as quatro grandes habilidades são *listening*, *speaking*, *reading* e *writing*, que se complementam e formam o processo comunicativo. Fernandes, Felicetti e Szezecinski (2019) apontam que a abordagem comunicativa⁶ é a forma mais adequada de desenvolver estratégias que envolvam essas habilidades.

Os professores podem ter dificuldades para encontrar livros didáticos que realmente possam ser utilizados de maneira proveitosa em sala de aula e que permitam trabalhar as quatro habilidades da língua inglesa. Desse modo, o livro didático pode ser utilizado como um apoio pedagógico. Batista (2003, p. 47) cita que:

Buscando assumir essa função estruturadora do trabalho pedagógico, os livros didáticos tendem a apresentar não uma síntese dos conteúdos curriculares, mas um

⁶A abordagem comunicativa foca no uso real da língua como uma ferramenta de interação e expressão, preparando o estudante para atuar em contextos diversos, tanto no âmbito acadêmico quanto social e profissional. Ela se alinha com a ideia de que o aprendizado de línguas deve ser funcional e permitir que os alunos se comuniquem de maneira significativa.

desenvolvimento desses conteúdos; a se caracterizar não como um material de referência, mas como um caderno de atividades para expor, desenvolver, fixar e, em alguns casos, avaliar o aprendizado; desse modo, tendem a ser não um apoio ao ensino e ao aprendizado, mas um material que condiciona, orienta e organiza a ação docente, determinando uma seleção de conteúdo, um modo de abordagem desses conteúdos, uma forma de progressão, em suma, uma metodologia de ensino, no sentido amplo da palavra.

A partir disso, percebe-se que o professor não precisa somente utilizar o livro didático e poderá criar atividades específicas, para cada grupo de estudantes, visto que o aprendizado em cada turma pode ocorrer de maneira diferente, conforme relaciona-se com Santos (2022, p. 15):

O professor deverá criar os seus próprios materiais didáticos, se necessário, sempre que surjam grupos específicos de alunos, tendo em vista um ensino mais individualizado, ou se os recursos de que dispõe não sejam suficientes na sua prática durante o processo de ensino.

Com isso, reflete-se que os materiais autênticos podem ser fundamentais para contribuir com o desenvolvimento do inglês e auxiliar o professor em sala de aula e na motivação dos estudantes para o aprendizado e, nisso, encontra-se o gênero música, que será abordado a seguir.

2. O gênero textual música e a relação com o ensino e aprendizagem da Língua Inglesa

A música é um dos gêneros textuais que pode ser trabalhado em sala de aula. Com ela, é possível utilizar a língua inglesa de outra maneira, ampliar os repertórios próprios da atividade humana e permitir outra forma de utilização da língua, conforme citado por Bakhtin (2000). Cada vez que o estudante ouvir a música que aprendeu em sala de aula, poderá se lembrar do significado e da emoção que o momento lhe causou, o que ajuda na construção do conhecimento, desperta o interesse e a possibilidade de aprender fora do ambiente escolar.

Desse modo, Schoepp (2001) cita que a música é uma fonte de exposição autêntica ao inglês fora da sala de aula, que promove o aprendizado. Além disso, corresponde a um gênero apreciado pelos estudantes, pois conforme sugere Brito (2003, p. 21): “É difícil encontrar alguém que não se relacione com a música [...]: escutando, cantando, dançando, tocando um instrumento, em diferentes momentos e por diversas razões”.

Marcuschi (2002, p. 36) defende a utilização de materiais autênticos em sala de aula e, com isso, a possibilidade de utilizar canções:

[...] pode-se dizer que o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia. Pois nada do que fizermos linguisticamente estará fora de ser feito em algum gênero. Assim, tudo o que fizermos linguisticamente pode ser tratado em um ou outro gênero. E há muitos gêneros produzidos de maneira sistemática e com grande incidência na vida diária, merecedores de nossa atenção.

Além disso, com a música, o professor pode focar na interação, comunicação e oralidade dos estudantes. Ela pode ser utilizada como uma metodologia diferente, por ser um gênero que desperta o interesse e que é bastante apreciado pelos estudantes. Ademais, faz parte do dia a dia, o que auxilia na motivação. Isso é explicado por Holden e Rogers (2002, p. 89):

As canções também têm uma força de motivação na sala de aula. Se os alunos gostarem de ouvir ou de cantar música em língua estrangeira ou declamar versos, vão estar vivenciando algo prazeroso no idioma. Mesmo os alunos mais fracos, sentem que, de alguma forma, tiveram êxito.

De mesmo modo, Bechtold, Becker, Lusa e Bonin (2022) refletem que a motivação pode ser a chave do aprendizado, visto que facilita e permite a criação de vínculos afetivos entre os estudantes e a disciplina. Com isso, ocorre o compartilhamento do conhecimento e maior resultados no aprendizado.

Murphey também comenta sobre a música como motivação e auxílio na memorização do inglês:

O uso de música para o aprendizado de LE favorece a memorização, causa um estado de relaxamento, é repetitiva, mas sem perder a motivação, serve como experiência para discutir cultura, religião, patriotismo, faz parte da vida dos estudantes (Murphey, 1992, p. 8).

Santos (2020) também aponta que as canções auxiliam na memorização e relaciona isso com a aprendizagem. Na língua estrangeira, isso pode ser uma estratégia facilitadora da abordagem comunicativa.

Segundo Holden e Rogers (2002), a música é um dos vários textos que podem ser encontrados e utilizados com os estudantes de forma motivadora e é relativamente fácil de entender. Muitas vezes, os estudantes não conseguirão compreender palavras ou o

contexto, então cabe ao professor ajudá-los, com a tentativa de proporcionar uma atividade prazerosa e que se sintam motivados a continuar a utilizá-la para o aprendizado. Para a motivação dos estudantes, Santos (2020) cita que a escolha dos materiais e a utilização deles desempenha um papel muito importante para auxiliar no sucesso da aquisição da língua inglesa e comenta sobre a relação da motivação com a música:

A motivação é uma questão fundamental na aquisição de uma língua estrangeira. Se incluir canções nas aulas quebra a rotina, se os alunos se entusiasмам e têm prazer em memorizar as canções, por vezes cantarolando-as, se se envolvem com confiança no grupo-turma, então o recurso a música no ensino do Inglês é um elemento eficaz, facilitador e motivador para o sucesso na aprendizagem da língua. Se, além disto, há um efeito positivo para algumas competências essenciais da língua, concretamente na aquisição de vocabulário, pronúncia, entoação, fluência e memória auditiva, então a música deve ser uma estratégia fortemente recomendada (Santos, 2020, p. 38-39).

O professor também pode aceitar sugestões de músicas dos estudantes. Conforme registram os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 2001, p. 75), “a música sempre esteve associada às tradições e às culturas de cada época e qualquer proposta de ensino que considere isso deve abrir espaço para o aluno trazer a música para a sala de aula, acolhendo-a e contextualizando-a”. Para isso, o professor deve estar atento para que possa relacionar essa música de alguma forma com as aulas, pois de nada adianta trabalhar em sala uma música sem um objetivo específico. Também é preciso adaptar as atividades de acordo com o nível de inglês das turmas.

Com isso, espera-se que o professor apresente em sala de aula uma música que contenha o conteúdo trabalhado e, assim, o estudante aprenderá de uma maneira diferente, isto é, de maneira contextualizada, pois haverá a prática. O profissional pode utilizar de diferentes técnicas para facilitar o aprendizado e para que os estudantes passem a gostar do inglês por meio da música. Segundo Ferreira:

Valerá ao professor utilizar a música em suas aulas, mas é preciso dedicar-se ao seu estudo, procurando compreendê-la com a amplitude desenvolvendo o prazeroso trabalho de sempre escutar os mais variados sons em suas combinações infinitas, com ‘ouvidos atentos’, e também ler o que for possível a respeito. Se tiver a oportunidade de praticar música, melhor ainda, pois seu domínio se ampliará e o próprio professor passará a ter mais discernimento para elaborar trabalhos mais bem adaptados à realidade de seus alunos (Ferreira, 2002, p. 13-14).

Além disso, Holden e Rogers (2002, p. 51) citam que, com a música, é possível dar mais destaque para a participação dos estudantes e tirar o professor do centro da sala de aula, “também a oportunidade de tirar o professor da condição de único provedor de

informações em inglês, além de ser uma parte fundamental na preparação dos estudantes para o mundo fora da sala de aula”. Com isso, o professor pode promover outras formas de ensino.

Proença e Fuini (2020) comentam que a música pode ser considerada uma ferramenta completa porque permite o ensino e o aprendizado de várias formas, seja por meio da estrutura textual, que pode abordar a expressão cultural, valores morais, ideológicos, religiosos, estéticos e linguísticos. Podem envolver também o lúdico, a representação histórica e cultural, as marcas do tempo e lugar. Além disso, a letra da música pode defender pontos de vista e transmitir mensagens e, dessa forma, promover a construção de novos conhecimentos, por meio de material autêntico, além de despertar a criticidade nos estudantes.

Penna (2003) também comenta sobre a necessidade de compreender as práticas culturais dos estudantes para atuar pedagogicamente e desenvolver o senso crítico por meio das músicas, mesmo que este não seja um caminho fácil. Não há fórmulas prontas e é preciso construir os caminhos necessários.

A seguir, serão abordadas estratégias pedagógicas para relacionar a música com os conteúdos e atividades da Língua Inglesa.

3. A música como ferramenta pedagógica em aulas de inglês

O professor pode utilizar a música como ferramenta pedagógica para trabalhar diversos conteúdos, cenários e contextos nas aulas de Língua Inglesa. Uma forma é apresentar uma cultura diferente para os estudantes por meio das canções, que contêm a história, folclore ou exemplos do uso da linguagem coloquial ou variedade linguística de determinado povo. Com isso, o professor busca possibilitar aos estudantes a construção de significados no contexto que estão inseridos e da nova cultura que serão apresentados. Sobre isso, Bürman *et al.* (2002, p. 84) afirmam que:

[...] as canções constituem um recurso autêntico, flexível e lúdico que permite, mediante uma adequada exploração didática, criar contextos do uso da língua significativos para os estudantes. Seu potencial didático pode se analisar em relação com suas características como amostras da língua ‘em todos os níveis da análise linguística’, com os conteúdos culturais, e com o seu valor de desenvolvimento da competência comunicativa, a partir de um trabalho integrado as destrezas.

De mesmo modo, Lima (2004, p. 22) destaca que a música possibilita ser utilizada na busca da diversidade cultural e mostra as diferenças que podem ser encontradas em diferentes países ou nações.

O uso de objetivos culturais proporcionará uma imersão do estudante em diferentes culturas e, ao mesmo tempo, poderá ser associado a objetivos didático-pedagógicos secundários, direcionados às competências como *listening*, *speaking*, *reading*, and *writing*, na mesma atividade com canções.

Uma das habilidades que mais pode ser aprofundada com a música é o *listening*, como meio de fazer com que o estudante se sinta atraído pela língua inglesa e perceba que ele pode trabalhar a compreensão oral e ainda aprender novas palavras. Conforme mencionado por Carter e Nunan (2011), a habilidade do *listening* é um processo complexo que nos permite entender a língua falada, é uma habilidade ampla e é usada juntamente com as outras habilidades de *speaking*, *writing* e *reading*. Na sala de aula, o estudante, ao praticar o *listening*, não precisa ter vergonha de questionar se não compreender o que lhe foi dito. O professor deve tentar abordar temas que fazem parte do cotidiano dos estudantes para obter maior entendimento.

Além da habilidade *listening*, Ferraz (2013, p. 109) cita que o gênero música também possibilita trabalhar com o *speaking*:

O uso de canções nas aulas de língua estrangeira proporciona aos alunos a oportunidade de trabalhar habilidades que não são muito exploradas no dia a dia, tais como o *speaking*, se a proposta for que os alunos cantem a música, e o *listening*, se a proposta for que eles ouçam e façam alguma atividade relacionada à compreensão daquela música. Dessa forma, o vocabulário do aluno pode ser enriquecido, já que com a prática constante a memória é trabalhada, de maneira que o aluno retenha o máximo de informações possíveis.

Além disso, se a música for utilizada adequadamente em sala de aula, pode proporcionar diversas vantagens, como promover a interação entre estudantes e professor, ajudar na interpretação, raciocínio, criatividade e melhorar o desenvolvimento de outras aptidões dos aprendizes. Permite o estudo do idioma em níveis gramatical, semântico e sintático. Além disso, o estudante pode ampliar os conhecimentos de mundo e também de assuntos específicos. Poderá também aprender novo vocabulário, expressões na língua inglesa e, com isso, desenvolver a abordagem comunicativa. Isso é explicado por Souza (2022, p. 293):

Seguindo os pressupostos da abordagem comunicativa, a música pode ser considerada um meio eficaz de abordar conteúdos linguísticos na aula de LE, pois é possível explorá-la de diferentes formas: cultura, vocabulário, pronúncia e estruturas linguísticas. Além disso, proporciona uma atmosfera diferenciada na sala de aula, mudando a rotina e motivando os alunos.

Ademais, a música pode ser relacionada com jogos e brincadeiras para auxiliar na fixação do conteúdo. Com isso, pode-se perceber que é uma ferramenta completa, pois engloba vários elementos e diferentes meios de explorá-la. Isso é abordado por Moreira, Santos e Coelho (2014, p. 48):

Além da possibilidade do uso da música na forma mais simplificada, através de um simples aparelho reproduzidor e o CD (mídia), acompanhado da letra e um comentário previamente elaborado, a música permite que se utilize jogos ou brincadeiras como ponto de partida para outras atividades. Jogos com etapas marcadas pela música, ou então a utilização da música com letra modificada numa espécie de paródia podem ser usados para auxiliar na fixação de conteúdo.

A música, também pode auxiliar na melhora da pronúncia. Holden e Rogers (2002) refletem que a pronúncia é importante para que a pessoa possa ser compreendida pelos outros. O contato com a música é parecido com o que se tem com alguém que fala em inglês e, assim, o aprendiz pode ouvir as palavras como realmente são ditas e, desse modo, aprimorar a forma como as pronuncia.

Contudo, ainda é possível encontrar desafios para a aplicação bem-sucedida dessa abordagem, como a escolha adequada de materiais e a forma de relacioná-los ao conteúdo. Além disso, a disponibilidade de recursos tecnológicos nas escolas, como aparelhos de som e impressoras, pode ser um fator limitante. Entretanto, alternativas que visem reduzir o uso de papel, como o uso de recursos digitais, áudios, vídeos, plataformas online, poderiam ser exploradas para otimizar os processos de ensino e aprendizagem e tornar as atividades mais acessíveis aos estudantes, ao mesmo tempo em que contribuem para a sustentabilidade e economia de recursos. Xavier (2018, p. 2) comenta sobre problemas que os professores podem encontrar:

[...] muitos professores ainda se deparam com alguns problemas que dificultam ou atrapalham a utilização dessa abordagem, tais como os alunos não possuírem gosto pelo gênero musical escolhido; dificuldade na procura da música adequada para o ensino; a falta de recursos das escolas e por muitas vezes, a turma não interage com a aula ou o professor. Seu auxílio deve facilitar a comunicação e o entendimento, por isso não pode ser trabalhada de forma robótica, mas sim, prazerosa.

O docente deve estar ciente de que empecilhos podem aparecer, mas precisa estar preparado para utilizar outros meios de conseguir alcançar o objetivo, que é o de trabalhar com o gênero música em sala de aula, e que os estudantes consigam tirar o maior proveito desse recurso. Mesmo que haja desafios diários, a aula de língua estrangeira tem a importância também de representar um espaço dialógico para a promoção da apreciação musical. Segundo os PCNLE,

Na verdade, a aprendizagem em sala de aula é uma extensão de um desafio diário: a necessidade de se interagir a partir de percepções comuns do mundo ou da criação de perspectivas comuns. [...] Isso faz com que o conhecimento sobre a natureza da interação em sala de aula seja crucial para professores e alunos. Note-se ainda que, com frequência, a metodologia que o professor usa se apoia na interação, isto é, nos andames que constrói para facilitar a aprendizagem (Brasil, 1998, p. 59).

Diante disso, mesmo com os desafios encontrados, é preciso lembrar dos benefícios da música relacionada com as práticas pedagógicas. Bechtold, Becker, Lusa e Bonin (2022) apontam que além da motivação para aprender o idioma e adquirir a habilidade comunicativa, pode trazer contribuições para uma formação social e cultural crítica.

Assim, por meio da análise crítica da literatura, pode-se observar que a música, como texto autêntico e com característica capaz de motivar e ser memorizada facilmente, promove de forma adequada um espaço de construção do conhecimento aos estudantes. Observa-se que é uma estratégia significativa para ser utilizada e que, em consequência disso, ocorre a familiarização devido ao contato cotidiano com esse recurso.

Considerações Finais

No presente artigo, é possível perceber que a inserção da língua inglesa no currículo da educação básica passou a ser uma demanda no mundo globalizado e ela pode contribuir para o crescimento pessoal e profissional do estudante. Para isso, o professor pode utilizar diferentes técnicas para a aprendizagem e uma delas é o uso do gênero música. A música pode ser uma ferramenta para diversificar as aulas, torná-las mais dinâmicas e, ainda assim, manter o objetivo, que é fazer com que o estudante aprenda a língua inglesa.

O estudo aponta ainda para o entendimento de que o gênero música, como ferramenta para o ensino e aprendizagem da língua inglesa, pode fazer com que o estudante comece a gostar e entender mais essa língua. Além disso, pode aumentar o

vocabulário, desenvolver melhor a compreensão oral e a fala, bem como, utilizar-se desse meio de aprendizagem em qualquer lugar, visto que a música é algo de fácil acesso.

Em consequência disso, o professor consegue motivar os estudantes por meio da música e ainda causa um momento de descontração, o que acaba por melhorar a relação professor-estudante. Com esse recurso, ocorre a participação por parte dos estudantes no momento de realizar atividades com o gênero música. Além disso, por ser algo eficiente, o ato de repetir auxilia na memorização e ainda faz com que o aprendiz aprimore a pronúncia.

Considera-se, então, que a música tem um papel importante no ensino e no aprendizado da língua inglesa, desde que seja utilizada de maneira dinâmica, como forma de despertar a atenção do estudante e fazer com que ele, por meio desse contexto, de fato, aprenda. Isto é, se o gênero música for trabalhado de forma adequada, e isso entende-se, baseado em estudos teóricos, de uma maneira diferente, interativa e contextualizada, é possível explorar aspectos como pronúncia, vocabulário, estruturas gramaticais e interpretação, de maneira que o aluno se envolva emocionalmente e cognitivamente para uma maior aquisição da língua inglesa.

Desse modo, percebe-se que o gênero música permite que o professor relacione os conteúdos teóricos com atividades práticas, permite maior aprendizado do estudante e apresenta o conteúdo a ser estudado de forma contextualizada. O livro didático pode servir de apoio para o professor, mas há a possibilidade de buscar materiais autênticos, como as canções. Além disso, esse gênero pode promover a criticidade nos estudantes e, com atividades corretas, aumentar o conhecimento e reflexão.

Para pesquisas futuras, sugere-se a análise de músicas presentes em materiais didáticos e também pesquisas de campo com professores e estudantes, para compreender qual a percepção dos mesmos em relação ao gênero música.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais*. Brasília: MEC/SEF, 2001.

- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BECHTOLD, Ivan; BECKER, Fabiana Dalila; LUSA, Vânia Cristina Marcon da Rocha; BONIN, Joel Cezar. *É possível ensinar inglês com música? Uma reflexão sobre música e aprendizagem*. *Ensino & Pesquisa*, União da Vitória, v. 20, n. 3, p. 181-195, 23 nov. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/7203/5095>. Acesso em: 21 jun. 2024.
- BRITO, Teca Alencar de. *Música na Educação Infantil*. São Paulo: Petrópolis, 2003. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/450/1/01d14t07.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2024.
- BÜRMAN, Marta Gil *et al.* Explotación multimidia de las canciones en clase de E/LE. *In: Seminario de dificultades específicas de la enseñanza del español e lusohablantes*. 2002, São Paulo. Anais... São Paulo, 2002. p. 84-89.
- CARTER, Ronald; NUNAN, David. *The Cambridge guide to teaching English to speakers of other languages*. 12th ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- FERNANDES, Meirilene Alves; FELICETTI, Vera Lucia; SZEZECINSKI, Antonio Filipe Maciel. Estratégias didáticas para o ensino da língua inglesa na educação básica. *Comunicação & Educação*, São Paulo, Brasil, v. 24, n. 1, p. 69–81, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v24i1p69-81. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/155378>. Acesso em: 11 jun. 2024.
- FERRAZ, Monica. Ensino de língua inglesa com música. *Revista Eletrônica Pro-Docência/Uel*, Londrina, v. 1, n. 3, p. 109-116, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/pages/arquivos/Volume3/AUDI%20e%20FERRAZ.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023.
- FERREIRA, Martins. *Como usar a música na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- FIAMONCINI, Luciana. *Habilidades em língua inglesa I*. Indaial: UNIASSELVI, 2018. Disponível em: file:///C:/Users/hp/Downloads/toaz.info-habilidades-em-lingua-inglesa-i-pr_fd64edba39690bcacf25ccc777b989500.pdf. Acesso em: 20 maio 2024.
- FIGUEREDO, Carla Janaína. O falante nativo de inglês versus o falante não-nativo: representações e percepções em uma sala de aula de inglês. *Linguagem e Ensino*, Pelotas, v. 14, n. 1, jan./jun., 2011, p. 67-92. DOI: <https://doi.org/10.15210/rle.v14i1.15382>. Disponível em: <https://periodicos-old.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15382> Acesso em: 11 jun. 2024.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOBBI, Deise. *A música enquanto estratégia de aprendizagem no ensino de língua*

Inglesa. Mestrado interinstitucional em estudos da linguagem. Universidade de Caxias do Sul e Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2001. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/3066>. Acesso em: 20 maio 2024.

HOLDEN, Susan; ROGERS, Mickey. *O ensino da língua inglesa*. 2. ed. rev. São Paulo: SBS, 2002.

LIMA, Luciano Rodrigues. O uso de canções no ensino de inglês como língua estrangeira: a questão cultural. In: MOTA, Kátia; SCHEYERL, Denise. (Org.). *Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras*. Salvador: EDUFBA, 2004. p. 173-192.

MALVEZZI, Karina Falcioni. *O ensino de língua estrangeira na educação básica brasileira: Novos caminhos*. Curitiba, XIII Educere, 2013. Disponível em: <https://silo.tips/download/o-ensino-de-lingua-estrangeira-na-educao-basica-brasileira-novos-caminhos>. Acesso em: 22 jun. 2024.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOREIRA, Ana Cláudia; SANTOS, Halinna; COELHO, Irene. *A música na sala de aula - a música como recurso didático*. Unisanta Humanitas, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2014. Disponível em: <http://periodicos.unisanta.br/index.php/hum/article/download/273/274>. Acesso em: 20 maio de 2024.

MURPHEY, Tim. *Music & Song*. New York: Oxford University Press, 1992.

PAIVA, Vera Lucia Menezes. A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa. In: STEVENS, Cristina Maria Teixeira; CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti. *Caminhos e Colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil*. Brasília: UnB, 2003. p.53-84

PEDREIRO, Silvana. Ensino de línguas estrangeiras – métodos e seus princípios. *Especialize Revista On-line*, p. 1-14, jan. 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/187968375/Ensino-de-linguas-estrangeiras-metodos-e-seus-principios-pdf>. Acesso em: 22 jun. 2024.

PENNA, Maura. Apre(e)ndendo músicas: na vida e nas escolas. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 11, n. 9, p. 71-79, set. 2003. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed9/revista9_artigo7.pdf. Acesso em: 22 jun. 2023.

PRESTES, Nadja Hermann. A razão, a teoria crítica e a educação. In: PUCCI, Bruno (Org.). *Teoria crítica e educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

PROENÇA, Marcelo Hipólito; FUINI, Lucas Labigalini. Música e pensamento crítico nas aulas de língua inglesa na educação profissional e tecnológica. *Educere et Educare*, [S. l.], v. 15, n. 36, 2020. DOI: 10.17648/educare.v15i36.25142. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/25142>. Acesso em: 11 jun. 2024.

SANTOS, Teresa Aleixo Almeida. *O impacto da música no ensino-aprendizagem da língua inglesa no 1.º ciclo do ensino básico*. Mestrado em Ensino de Inglês no 1.º ciclo do ensino básico. Universidade do Algarve, 2020.

SCHOEPP, Kevin. Reasons for Using Songs in the ESL/EFL Classroom. *In: The Internet TESL Journal*, vol. VII, n. 2, 2001. Disponível em: <http://iteslj.org/Articles/Schoepp-Songs.html>. Acesso em: 12 dez. 2023.

SOUZA, Drielle Caroline Izaias Juvino. A música como recurso de ensino-aprendizagem da língua inglesa nos livros didáticos. *Porto das Letras*, v. 8, p. 291-309, 2022.

VICENTINI, Cristina Teixeira; BASSO, Rosângela Aparecida Alves. O ensino de inglês através da música. Paraná, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2293-8.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2024.

XAVIER, Tarcizio Lopes. *A música como recurso didático nas aulas de língua inglesa: um relato de experiência*. Anais V CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/46044>. Acesso em: 21 jun. 2024.